

Uma casa para o chá em Montemor-o-Velho



Prof. Vítor Murtinho
Universidade de Coimbra
Arquiteta Joana Maia
Universidade de Coimbra

“A arquitetura é a vontade da época traduzida para espaço.”

Mies van der Rohe*

Quem passa pela EN 111, importante artéria que liga Coimbra a Figueira-da-Foz, quando chega a Montemor-o-Velho aquilo que retém na sua memória é a imponência de um recinto amuralhado que se destaca num monte situada no lado sul da via, contrastante com a planura dos campos que se organizam a partir do leito de cheia do Mondego. Este aparato é mais proeminente para quem se desloca no sentido do litoral para o interior.

A vila e sede de concelho de Montemor-o-Velho durante muitos anos ficou confinada à encosta de um monte virado a sudeste, entalada entre a direita do rio Mondego e a fortaleza robusta que no alto funcionava como sentinela. No planalto desse monte, definindo o seu coroamento, desenvolve-se e impõe-se um espaço amuralhado que apesar do seu ar vetusto consegue compatibilizar a sua já longa idade com a respeitabilidade que o tempo permite esculpir. Esta fortaleza, de enorme valor estratégico, estava localizada numa área geográfica sujeita a múltiplas variações de posse, mesmo em tempos anterior ao início da cristandade. Até à conquista definitiva do reino dos Algarves, o Mondego funcionava como uma espécie de charneira que assistia a frequentes avanços e recuos de uma cristandade que se implantava nos territórios a norte e degladiava os povos islâmicos sitiados a sul.¹ Convém não ignorar a importância fluvial que o Mondego tinha,

dada na altura a sua navegabilidade desde a Figueira-da-Foz – pelo menos – até Coimbra.

Quando D. Sancho I decidiu deixar no início da primeira década de século XIII, por herança, a vila de Montemor – e outras terras – às suas filhas, as infantas D. Sancha e D. Teresa, motivou o enérgico protesto de seu irmão D. Afonso II dado esta cedência condicionar a sobrevivência do reino. Em 1212, por decisão das infantas, seria conferido foral à vila de Montemor, confirmado posteriormente em Coimbra por D. Afonso III em 1248.²

O castelo de Montemor, classificado Monumento nacional desde 16 de junho de 1910, abriga no seu interior a Igreja de Santa Maria da Alcáçova, mandada edificar em 1090 por ordem do conde D. Sesnando e reedificada no primeiro quartel do século XVI com obra atribuída ao arquiteto Francisco Pires.

O castelo, com uma planta de configuração irregular, apresenta uma primeira divisão denominada cerca principal com forma alongada segundo os eixos nordeste-sudoeste onde pontuam torres de formas circular ou quadrangular que ritmadamente se deveriam ter construído de modo a criar pontos proeminentes em toda a zona perimetral da muralha do castelo. A contornar exteriormente a cerca principal existe uma barbacã onde aparecem duas portas: uma a sudeste (virada a norte) denominada *porta*

* Citação extraída de *Escritos, Diálogos y Discursos*, Colegio Oficial de Aparejadores y Arquitectos, Murcia, 1993, p. 25.

¹ Góis, Correia, *Concelho de Montemor-o-Velho. A Terra e a Gente*, edição da Câmara Municipal de Montemor-o-Velho, Montemor-o-Velho, 1995, p. 217.

² Conceição, Augusto dos Santos, *Terras de Montemor-o-Velho*, edição do autor, Coimbra, 1944, p. 50 e sgg.



Figura 1. Vista da vila e do Castelo de Montemor-o-Velho, imagem a partir do lado do rio Mondego. O Paço das Infantas e a Casa de Chá estão localizados entre a torre da Igreja de Santa Maria da Alcáçova e a Torre do Relógio.



Figura 2. Vista aérea do Castelo com Casa de Chá e Paço das Infantas situada na zona central da muralha e do lado direito da Igreja de Santa Maria da Alcáçova.

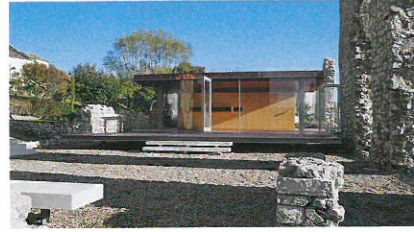


Figura 3. Vista da esplanada e da entrada da Casa de Chá.
Foto de João Mendes Ribeiro.

da peste ou porta de Coimbra, encostado à parte este da torre de menagem, e outra a nordeste conhecida como porta do sol ou de Nossa Senhora do Rosário.³ Até meados do século XX, na zona adjacente à Igreja de Santa Maria e delimitado por esta e pela torre de menagem, no designado castejeiro, funcionava o cemitério da vila. Na encosta noroeste do monte desenvolve-se um cercado que outrora servia para abrigar, em situação de necessidade, as gentes dos arrabaldes e respetivos rebanhos. Sensivelmente a meio do muro que em baixo delimita o cercado temos o que ainda resta do reduto inferior da fortaleza. A sul da igreja e quase debruçado sobre os muros da linha da barbacã estão localizadas as ruínas da Alcáçova, também designada como Paço das Infantas. A reforma manuelina deste último espaço, fez com que a sua configuração forçasse a que este se estendesse até ao limite sudeste da linha da barbacã.⁴

Segundo consta, terá sido nesta vetusta residência senhorial que, a 6 de janeiro de 1355, D. Afonso IV terá cedido à indecorosa pressão dos seus conselheiros para mandar matar a figura mítica de Inês de Castro, dando origem a um processo bastante sanguinário e a uma tétrica coroação que desde então tem sido ampliada graças a um intenso imaginário popular.⁵ Se seguirmos a linha de muralha para poente temos a Torre do Relógio, mandada construir nos finais do século XIX pela câmara municipal e ficando adjacente à Capela de Santo António (situada sobre a barbacã envolvente e implantado para o exterior do castelo).

Em termos geográficos o castelo está situado sobre um morro líssico, que usufrui excelente exposição solar e se encontra na cota mais alta relativamente a todos os acidentes topográficos da redondeza. Esta peculiar situação, coadjuvado pela planura adjacente dos campos de lezíria do Mondego, faz com que o castelo funcione como uma espécie de ampla varanda, aberta e dominante de toda a paisagem circundante.

³ Matos, João Cunha, *Montemor-o-Velho. Sua História. Sua Arte*, reedição da Câmara Municipal de Montemor-o-Velho, Montemor-o-Velho, 1990, p. 22.

⁴ Góis, Correia, *Concelho de Montemor-o-Velho. A Terra e a Gente*, p. 222.

⁵ Matos, João Cunha, *Montemor-o-Velho. Sua História. Sua Arte*, p. 18.



**CONCEÇÃO, DESENVOLVIMENTO,
PRODUÇÃO E MONTAGEM DE
ESTRUTURAS EM FERRO E ALUMÍNIO**



Rua do Labriosque 70,4755-307 Martim, Barcelos - Portugal
t. (+351) 253 142 030 · orcamentos@emesingular.pt
www.emesingular.pt



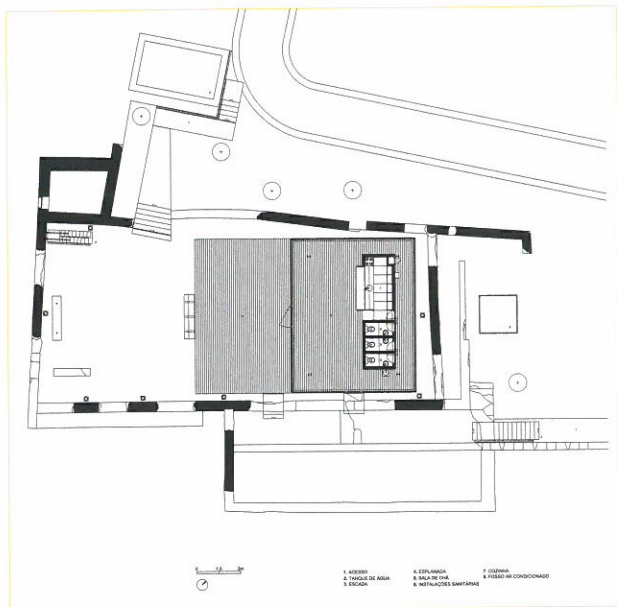


Figura 4. Planta da Casa de Chá com arranjos exteriores e desenho das ruínas do Paço das Infantas.

Fruto certamente da sua posição e aspecto singular, o castelo de Montemor tem sido objeto de uma enorme procura turística. Todavia, a quase totalidade das visitas limitam-se a um percurso simples de entrada na fortaleza através da *Porta da Peste*, a um percurso deambulatório pelo interior das muralhas, ao usufruto das esplendidas vistas. Raramente o visitante se aventura em transpor a *Porta de Nossa Senhora do Rosário* e a calcorrear o centro histórico da vila.

Constatada a evidência da atração turística do castelo, e perante a inexistência de uma infraestrutura de apoio que dilatasse a permanência dos visitantes e eventualmente permitisse o recobro das energias para iniciar o périplo pelo centro histórica da localidade, foi desenvolvido um concurso cujo programa base correspondia à edificação de uma casa de chá. A proposta vencedora, que previa a ocupação de uma parte importante e com forte valor simbólico no castelo, foi desenvolvida pelo arquiteto João Mendes Ribeiro (JMR).⁶ A solução encontrada, pretendia valorizar a paisagem envolvente e tirar partido daquilo que restava do Paço das Infantas. Como programa funcional, estava indicada a vontade de oferecer aos transeuntes um espaço qualificado de equipamento de serviços que permitisse usufruir da tranquilidade de tão deslumbrante paisagem e, simultaneamente, poder apreciar uma bebida acompanhada por um qualquer dos famosos doces conventuais regionais: queijada e pastel de Tentúgal ou as afamadas *espigas doces* ou *pinhas* de Montemor.

Perante a imensidão do espaço de um castelo que provavelmente é dos maiores em termos nacionais, não deve ter sido fácil partir com um programa singular, com pouca necessidade construtiva, e definir o melhor sítio para o poder acolher e valorizar. No desafio intenso de perseguição da forma e do melhor local, nas convulsões entre intuição e averiguação rigorosa, terão despertado

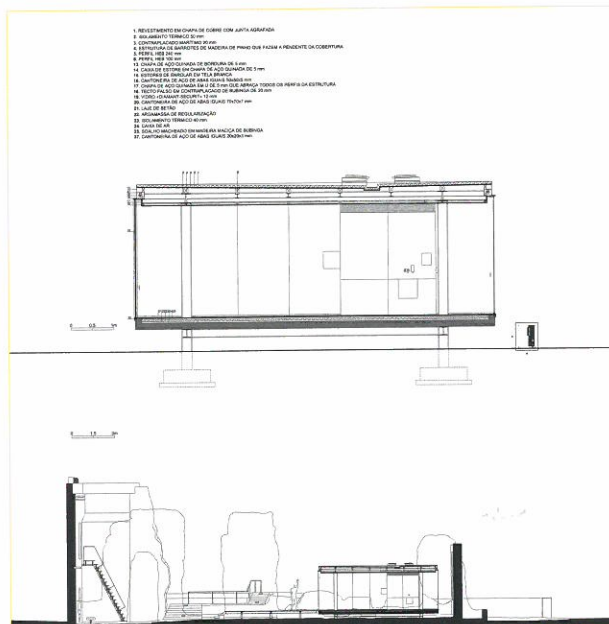


Figura 5. Corte da Casa de Chá e incluindo ruínas do Paço das Infantas.

factos e suposições, visualizações e simbolismos, que despertaram a consciência que a solução mais serena seria a do confronto: a assunção de uma tensão cúmplice entre preexistência e arquitetura nova. Em arquitetura, o ponto crucial de uma intervenção é o salutar confronto de tempos, do tempo histórico e de um tempo novo. Aquando da criação, é importante a ligação ao tempo presente. No espírito de qualquer manipulador de formas deve estar subjacente uma resposta cabal às premissas de partida, devem ser satisfeitos os princípios de utilidade, de actualidade de aparência e de relação com o lugar.⁷ Em qualquer circunstância, é importante ceder ao caminho fácil do recurso a soluções estereotipadas e optar pela pesquisa diligente de materialidades e de estruturas formais que se integrem no tipo de contexto paisagístico.

Concretamente, a ideia para o projeto passou por aproveitar a ruína do Paço das Infantas, ocupando o vazio interior ao implantar o delicado programa de projeto. A solução passou pela implementação de um volume leve, com forma muito geometrizada, deixando soltas as paredes ainda restantes do Paço. Nesta proposta é evidente o desenvolvimento de um processo conceptual de muita artesanidade, denotando o seu enfoque estético em criar uma atmosfera única e irrepetível. Curiosamente, apesar do autor referir que princípio de composição gerador do projeto ser um rectângulo cuja proporção é regulada pelo *número de ouro* (normalmente representada pela letra *fi* em homenagem ao arquiteto do *Partenon* da acrópole de Atenas e onde se supõe poderá ter sido utilizada esta relação)⁸, na realidade este sistema proporcional só é possível de encontrar na relação do rectângulo que corresponde à esplanada. O que se

⁷ Zumthor, Peter, *Pensar a Arquitectura*, Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 2005, p. 22.

⁸ A particularidade e razão do sucesso desta proporção tem a ver com a circunstância de se retirarmos a este rectângulo um quadrado, voltamos a obter um novo rectângulo com a mesma proporção. Sobre a utilização desta base, tal é referido explicitamente na memória descritiva na proposta de concurso (Ribeiro, João Mendes, in *João Mendes Ribeiro Arquitecto*, Edições Asa, Porto, 2003, p. 97).

⁶ O projeto é de 1997 e a obra foi construída entre 1999-2000.



Figura 6. Solução estrutural em aço com percepção de sistema construtivo adotado para a cobertura do edifício.

verifica é que o retângulo global gerador da forma que coincide com a implantação da proposta (esplanada e Casa de Chá) corresponde a um retângulo *raiz de 2* (relação proporcional análoga a, por exemplo, uma folha normalizada A4).

Na realidade a intervenção corresponde à implementação de um espaço delimitado pela ruína do paço, funcionando esta como um invólucro físico e conceptual de uma construção que na essência é desmaterializada. Uma constante na obra de JMR é a sua preocupação com a escala, dando enorme destaque à relação entre espaço e corpo humano. No contexto da obra de Montemor, é evidente a exploração da capacidade relacional dos espaços, articulando todo o potencial de referências disponibilizadas pelo sítio histórico.⁹

Para além de alguns delicados elementos que organizam ou potenciam determinados percursos, a proposta corresponde, grosso modo, a uma caixa com paredes em vidro com cobertura e pavimento opacos de estrutura dominante em aço. De modo a uniformizar o revestimento exterior, a estrutura de suporte, composta por quatro perfis H em aço, aparece à vista dentro do espaço interior, clarificando o princípio de autonomia estrutural relativamente ao divisionamento do espaço ou à pele superficial que define a forma do edifício. Defronte desta caixa, surge um terraço – desligado fisicamente do espaço interior – que ocupa toda a frente sudoeste da construção, definindo uma esplanada que oferece vista larga e desafogado dos arrozais de Mondego. Assim, para os pavimentos interiores e para a esplanada é utilizada a madeira de bubinga, que lhe confere uma tez avermelhada, acolhedora e contrastante. No terraço e incidindo o olhar para poente, impõe-se a verticalidade de um pano de parede que tem agregado uma escada metálica, com degraus descontínuos, que acelaradamente asseguram a serventia de um anterior vão do primeiro andar da ruína, aumentando desse modo a cota de vista e acentuando o carácter cenográfico da intervenção.

Para pessoas familiarizadas com as questões de espacialidade e de arquitetura é impossível observar a Casa de Chá de Montemor sem constatar sérias e incontornáveis influências Miesianas. Na realidade a



Figura 7. Foto da obra com estrutura em aço da cobertura e da esplanada à vista.



Figura 8. Canto do edifício e esplanada com pedaço da ruína ao fundo.
Foto de João Mendes Ribeiro.

presença daquele volume cristalino, em múltiplos aspetos remete para o nosso imaginário da casa que Mies van der Rohe desenhou para a dra. Farnsworth em Plano, no Illinois.¹⁰ Ambas as propostas partem de uma lógica quase férrea de depuração formal, havendo intencionalmente uma vontade de toda a caracterização construtiva ser desenvolvida segundo uma lógica de pormenores minimizados. Em termos de paleta de materiais, o estudo muito meticuloso do projeto vai no sentido da utilização de um mínimo de texturas, cores e materiais de modo a que essa síntese corresponda a uma arquitetura que tenha um carácter muito unitário, sereno, mas claramente distinto das preexistências. No caso da casa Farnsworth, a solução é muito minimalista do ponto de vista cromático, já que o branco constitui uma cor dominante, a contrastar com a cor mel dos apainelados interiores que permitem todo a organização funcional da habitação. No caso da Casa de Chá, aquilo que transparece é alguma verdade construtiva, também muito perceptível no modo como se concretiza cada um dos materiais. Aqui, existe também um único volume interior, materializado em madeira de freixo, que alberga as instalações sanitárias e a copa que serve de apoio ao bar. Para maximizar o efeito cristalino da Casa de Chá e com isso acentuar formalmente a suas características monolíticas, toda a estrutura envolvente é desenhada sem recurso a prumos ou caixilharias. Neste contexto específico, resulta alguma *ambiguidade entre espaço exterior e interior*¹¹, dado os limites serem desmaterializados e restringirem-se somente à questão de zona climatizada ou zona sujeita às intempéries. Para a maximização desse efeito é sacrificado o recurso a vidro duplo, recorrendo-se a um vidro laminado de extrema transparência. Na fachada, os únicos elementos verticais que se distinguem são as caixilharias das duas portas de acesso ao exterior. A cobertura do volume é em camarinha de cobre que, com a sua coloração em castanho, ajuda a diluir o contraste que este plano poderia ter junto aos elementos pétreos do castelo e do paço. No contexto geral ressalta uma inextinguível capacidade para reinventar o existente, por fazer uma arquitetura com escala. Uma escala humanizada que tem presente a dimensão

¹⁰ Sobre esta importante casa miesiana ver explicitamente Murinho, Vitor, *Farnsworth House: um templo para habitar*, Metalica, nº 38, 2015, pp. 22-29.

¹¹ Ribeiro, João Mendes, *Arquitetura e Espaço Cénico*, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2008, p. 350.

⁹ Tostões, Ana, "Neutro e excepcional ou o esplendor da verdade" in João Mendes Ribeiro *Arquitecto*, p. 9.



Figura 11. Ruína do Paço das Infantas e escada metálica de acesso a vão superior. Foto de João Mendes Ribeiro.

Potenciando enquadramentos e evidenciando o aspecto de ruína, sem preocupações de restituição de memória, consegue magistralmente fazer a revivescência do espaço em tempo presente, agora como espaço recôndito e de intimidade enquanto casa de chá.¹²

A obra de JMR tem tido um grande desenvolvimento em termos de produções teatrais e cenografia. Esta experiência tem ajudado a direcionar muita da prática deste arquiteto, quer por ter forte expressão pelo número de cenografias já concretizadas, como também – e sobretudo – pela influência desta prática na sua obra. De algum modo, a intervenção de Montemor transforma a arquitetura em objeto cenográfico. A escala da intervenção e as vivências potencializadas pelo usufruto do espaço fazem com que haja a subtilidade de que todo aquele lugar se assemelhe a uma coreografia cénica. No teatro, o ponto de partida é um espaço preexistente que se vai transformar, permitindo ao espetador, durante a peça, transportar-se para uma outra realidade. Em Montemor, tal como se se tratasse de uma cenografia, o involucro existente é assumido como estrutura perene a que vai ajudar a alavancar um objeto cénico cuja natureza apresenta um potencial de efemeridade. Ora esta diferença, no conjunto, define uma outra realidade, transformadora do espaço existente e definidora de quase um novo lugar.

Ao nível do contacto com o solo, foram cirurgicamente definidos os pontos de fundação que, conjugados com a sua compacidade e sem causarem qualquer dano sobre as estruturas existentes no subsolo, facilmente podem ser desconstruídos, permitindo a reposição da situação anterior à Casa de Chá. Na concretização desta sua arquitetura, JMR recorre a uma síntese essencial que tem como ideia principal a obtenção do máximo efeito com um mínimo de meios. Noutro contexto, Campo Baeza diz que a arquitetura sem uma ideia é uma arquitetura vã.¹³ A inutilidade da arquitetura é algo que os arquitetos quase sempre tentaram evitar, percebendo que a funcionalidade ou a utilização são questões que tornam necessário qualquer edifício sendo o garante da sua permanência e continuidade ao longo dos tempos. Se esta é uma questão pertinente neste equipamento, pois tem-se assistido a algumas descontinuidades no seu funcionamento, a verdade é que este edifício pode e deve ancorar a oferta e a sustentabilidade do Castelo de Montemor.

A Casa de Chá, sendo uma proposta arrojada para aquele contexto, radica como ponto forte o seu aspeto

abstracizante que a coloca fora do cenário envolvente mas que, em simultâneo, gera enorme empatia com o local e concomitantemente uma possante adesão por parte dos utilizadores. A quase total transparência da “caixa”, coadjuvada por um desenho de inestimável rigor, funciona como elemento agregador das paredes fragmentárias da ruína, ajudando a definir um volume, aparentemente sem carga, sem peso e praticamente sem expressão, mas que induz a uma tensão conceptual que remete para uma certa essencialização da arquitetura. Esta obra, de singela aparência mas com uma potente imagem, pela sua escala, pelo seu detalhe, pela sua qualidade intrínseca, constitui uma “pequena jóia” da arquitetura portuguesa do século XX.¹⁴

De algum modo, a suspensão da Casa de Chá sobre a ruína pode denotar alguma timidez ou falta de coragem para ancorar o projeto ao sítio, mas é precisamente esse gesto fulminante que permite um ajuste delicado de uma construção balizada pela materialidade pétreo do existente. Deste modo a nova arquitetura não se impõe ao existente, antes cria uma sensação inusitada de leveza que aparenta ter fluidez de espaço. Como que flutua desafiando a gravidade, sempre pronta a permitir-nos levantar voo e colocar a vista sobre a paisagem envolvente. Esta obra, que nalguns aspetos atinge um estatuto quase objectual, apresenta características experimentais ímpares, funcionando como uma caixa de ressonância de natureza relacional entre espaço existente e espaço proposto. Utilizando-se alguns artefactos e recursos adstritos normalmente à cenografia, induz os espetadores para uma inquietante beleza, concretizada na permissão de como com um mínimo de efeitos e de elementos se consegue potencializar ao máximo as sensações estéticas e contemplativas.¹⁵



Figura 12. Esplanada e entrada principal da Casa de Chá com vista dos campos envolvente. Foto de João Mendes Ribeiro.

Paradoxalmente, aquela caixa que delicadamente pousa dentro das ruínas do Paço das Infantas tem-se vindo a assumir como uma obra que se tornou parte integrante de todo aquele espaço envolvente. Paulatinamente, vem-se assumindo como um edifício que se harmoniza com o lugar, levando quase a supor que sempre esteve lá.¹⁶ Na verdade, estamos perante uma obra poética e de grande sensibilidade. Pelo que, nos dias de hoje, seria particularmente penoso imaginar aquele espaço, aquele sítio e aquele contexto sem esta obra notável, distinta e arquitectonicamente incontornável.

¹² Ribeiro, João Mendes, “Casa de Chá” in *João Mendes Ribeiro Arquitecto*, p. 97.

¹³ Campo Baeza, Alberto, *A ideia construída*, Caleidoscópio, Casal de Cambra, 2004, p. 35.

¹⁴ Tostões, Ana, “Neutro e excepcional ou o esplendor da verdade” in *João Mendes Ribeiro Arquitecto*, p. 10.

¹⁵ Rodeia, João Mendes, “Línea de tierra: presentación de una nueva generación de arquitectos portugueses”, *2G – Revista Internacional de Arquitectura*, nº 20, 2001, p. 16.

¹⁶ Zumthor, Peter, *Atmosferas*, Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 2006, p. 65.